

ENSINO DO EMPREENDEDORISMO SOCIAL E DA LINGUAGEM DE CINEMA COMO MEIOS DE DESCONSTRUÇÃO DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

Robson Malacarne¹

Resumo:

A violência simbólica é desenvolvida pelas instituições e pelos agentes que as animam, apoiados no exercício da autoridade, a escola é uma das instituições que convive com um dilema, ao mesmo tempo que reproduz esta violência, pode se tornar um lugar de criatividade e inovações. No presente artigo estuda-se o caso do Projeto de Educação Empreendedora A Juventude Quer Mais, da Agência de Desenvolvimento Social Jovem (ADESJOVEM), que utiliza a linguagem de cinema para resignificar o espaço escolar por meio do incentivo ao empreendedorismo social. Neste processo, a linguagem do cinema e o empreendedorismo social assumem-se como instrumentos de leitura do espaço escolar, compreendendo as diversas traduções que ocorrem no percurso como oportunidade para repensar as estruturas políticas e institucionais que disseminam a violência simbólica, abrindo espaço ao empreendedorismo e as inovações.

Palavras-chave: Empreendedorismo Social. Linguagem de Cinema. Educação Empreendedora.

¹ Doutor em Administração (Mackenzie/ ICS Lisboa). Professor no Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Viana. robsonmalacarne@gmail.com

Organizadores:



ANEGEPE
Associação Nacional de Estudos
em Empreendedorismo e Gestão
de Pequenas Empresas

Realizadores:



1 *Introdução*

A violência simbólica é desenvolvida pelas instituições e pelos agentes que as animam, apoiados no exercício da autoridade. Considera-se que a transmissão pela escola da cultura escolar (conteúdos, programas, métodos), própria à classe dominante, revela uma violência simbólica exercida sobre os alunos de classes populares. Bourdieu (1989) afirma que toda ação pedagógica é objetivamente uma violência simbólica enquanto imposição, por um poder arbitrário, de um arbitrário cultural. Num primeiro sentido, na medida em que as relações de força entre os grupos ou as classes constitutivas estão na base do poder arbitrário, isto é, da imposição e da inculcação de um arbitrário cultural. Num segundo sentido, na medida em que a delimitação objetivamente implicada no fato de impor e inculcar certas significações, convencionadas pela seleção e a exclusão que lhe é correlativa, como dignas de ser reproduzidas por uma Ação Pedagógica, reproduz a seleção arbitrária que um grupo ou uma classe, opera objetivamente, através de seu arbitrário cultural.

Diante deste cenário, encontram-se as juventudes. Esta categoria social vive um período de transformações, que envolve questões importantes como a escolha de uma profissão, a conquista do primeiro emprego, o desafio do vestibular, a orientação sexual e a necessidade de afirmação diante do grupo de convivência (GROPPO, 2000). Devido a esta condição, marcada por decisões voltadas para o futuro, tende-se a julgá-la como um período de vida transitório, sem grande importância em si mesma, pois se entende que todas as suas ações devem ser direcionadas ao vir a ser e a preparação para o mundo adulto, tal julgamento equivocado da Escola, reproduzido por seus profissionais, acaba por dificultar o conhecimento da multiplicidade de perfis e questões específicas dos jovens e resulta nas práticas da violência simbólica.

O presente estudo busca discutir como o empreendedorismo social e a linguagem do cinema podem oferecer caminhos para desconstruir a violência simbólica e suas diversas formas de manifestação no universo escolar. Como aporte de análise do trabalho, assume-se a desconstrução de Derrida, compreende-se que a trajetória de vida das juventudes é marcada por traduções, que podem colaborar ou não para a reprodução da violência simbólica. Assim, no texto a seguir, em um primeiro momento, problematiza-se o empreendedorismo social como meio de ler o comportamento juvenil e desenvolver suas habilidades. Em um segundo passo, demonstra-se que a aprendizagem social favorece o desenvolvimento da juventude.

Na terceira fase do texto assume-se a desconstrução como modo de compreender as traduções e discursos das juventudes, e por fim estuda-se a trajetória da ADESJOVEM que, por meio da linguagem do cinema e do Projeto A Juventude Quer Mais, buscou discutir a violência simbólica e o empreendedorismo social.

2 O Incentivo ao Empreendedorismo Social como modo de Desenvolvimento das Juventudes?

Os projetos sociais desenvolvidos por Organizações Não Governamentais (ONGs) no campo da formação empreendedora, são compreendidas na literatura como Empreendedorismo Social – *Esocial* (Oliveira, 2004). O resultado de suas iniciativas são motivadas pela transformação da realidade, na qual o desenvolvimento social e comunitário são objetivos a serem alcançados. Neste sentido, o foco de atuação do *Esocial* é a busca de soluções para os problemas sociais (MELO NETO; FROES, 2002). Diante dessas especificidades, o desenvolvimento de competências no segmento de atuação das ONGs, ocorre, por meio da participação dos associados e beneficiários das entidades nos projetos, que provocam o sujeito a reconhecer oportunidades, atuar em rede, e tomar atitudes inovadoras a partir dos cenários identificados (MAMEDE; MOREIRA, 2005).

Para cumprir com este propósito os projetos precisam envolver os jovens em trabalhos colaborativos, que possibilitem criar soluções e gerar impactos na sociedade (MILLER; WESLEY; WILLIANS; 2012). Segundo Filion (2003), a educação empreendedora desenvolvida nessas iniciativas, precisa compreender às constantes mudanças que ocorrem na sociedade de modo a realizar projetos que respondam aos desafios do cenário atual, assim, os jovens aprendem a agir a partir das dificuldades e potencialidades do local que esta sendo implantado o projeto. Deste modo, as iniciativas voltadas ao desenvolvimento de jovens empreendedores precisam identificar as habilidades que o jovem possui, demonstrando como a sua ação inovadora pode colaborar com o desenvolvimento social, econômico e ambiental, e como ele deve gerenciá-la para crescer e gerar impacto na sociedade (DORNELAS, 2001).

3 Aprendizagem Social como Estratégia Para o Desenvolvimento de Juventudes

A Aprendizagem Social compreende que o desenvolvimento das pessoas se relaciona a prática cotidiana do indivíduo permeada por questões formais e informais, sendo necessário integrar a prática formativa aos problemas diários do aprendiz, considerando suas diversas interações neste processo formativo. Entre os questionamentos apresentados encontra-se a crítica a Teoria da Aprendizagem Individual no que tange a sua maneira de compreender o sujeito, isolado da organização, sem reconhecer a importância do contexto no processo da aprendizagem. Em seu estudo Elkjaer (2003) revisa teorias da Aprendizagem Organizacional, destacando a proposta integradora da Teoria da Aprendizagem Social que valoriza os processos de participação e a interação do indivíduo como o lócus da aprendizagem. Jacobi, Granja e Franco (2006) concordam com esta proposta e defendem que a aprendizagem deve compreender as relações que se estabelecem neste processo e as implicações para os indivíduos envolvidos.

Considera-se o indivíduo como sujeito que interage com os outros, em um processo de aprendizagem, na qual o conflito com os valores e conceitos do meio que se esta inserido é constante. Elkjaer (2003) ainda destaca estratégias que estão inseridas na aprendizagem social e devem ser valorizadas nessa discussão: estratégia da negociação, estratégia da participação e estratégia da implementação. No que se refere à estratégia da negociação, valoriza-se a

criação de espaços para o desenvolvimento de processos criativos de ação interativa por meio da análise de situações problemas, escolhas estratégicas e acordos com visões compartilhadas. Sugere-se como estratégia de participação nos espaços e arenas de negociação nos quais participam grupos de interesse trabalham de forma coletiva para entender a natureza de um problema comum. Assim, a estratégia de implementação é alcançada quando a aprendizagem social modifica as representações do indivíduo nas ações cotidianas que este desenvolve, capacitando-o para analisar e refletir sobre as interações e as consequências de suas práticas na sua rede de relações. Nesse sentido os indivíduos só serão capazes de lidar com as questões ambientais e sociais se forem envolvidos em ações concretas que os preparem para lidar com a complexidade do DS.

4 A desconstrução de Derrida como caminho para compreender as “traduções” das juventudes

Optar pela proposta de desconstrução de Derrida enquanto percurso analítico significa assumir uma postura metodológica que favoreça a compreensão dos discursos das juventudes enquanto espaços de traduções e ambiguidades (Cooper & Burrell, 1988). Desconstrução “é um modo de tomar posição, em seus trabalhos de análise, no que diz respeito às estruturas políticas e institucionais que constituem e regulam nossas práticas, nossas competências e nossos desempenhos” (Derrida, 1999, p.108). Nesta pesquisa, isso significa estudar as iniciativas da ADESJOVEM de modo a identificar as estruturas políticas e institucionais que servem de referência para as traduções ocorridas no percurso do projeto A Juventude Quer Mais. Ressalta-se que a tradução neste estudo é lida à luz da discussão de Derrida sobre a relação entre configurações textuais na qual se assume uma contínua e inacabada interpretação de discursos (SISCAR, 2012, p.59). Destaca-se que foram entrevistados dois integrantes da Equipe de Gestão do Projeto A Juventude Quer Mais, denominados nesta pesquisa como Dirigentes. Além disso, valorizou-se as perspectivas de quatro jovens que participaram do processo, denominados Participantes.

4 A Experiência da ADESJOVEM

A Agência de Desenvolvimento Social Jovem (ADESJOVEM) surgiu em 2005 a partir de representantes de vários bairros da Grande Vitória que se uniram para pensar projetos para a juventude. Atualmente, o foco de atuação da ADESJOVEM se concentra na assessoria de instituições que trabalham com juventude. A assessoria desenvolvida pela ADESJOVEM compreende etapas como a identificação da cultura juvenil, desenvolvimento do planejamento de atividades e formação profissional e de direitos humanos. A ADESJOVEM participa do Conselho Estadual Juventude, que reúne grupos de jovens do município, o que facilita o diálogo com o grupo destinatário. Neste espaço também ocorre à participação de atores que possuem legitimidade junto ao segmento escolar. Além disso, a ADESJOVEM conta em seu quadro de diretoria e associados, com profissionais ligados a

área de educação, professores, administradores, assistentes sociais, que possuem vivência e experiência no trabalho com jovens.

As atividades da ADESJOVEM são direcionadas aos grupos de jovens que necessitem de orientação para desenvolver os seus trabalhos de maneira mais sistemática e organizada. Como fruto deste trabalho a ADESJOVEM identificou, a partir do relato destes jovens, a dificuldade de permanecerem no espaço escolar, principalmente por falta de conhecimento destas instituições no que se refere a condição juvenil, marcada por especificidades e diferenças relacionadas a classe, faixa etária, gênero, questão racial, econômica etc. Foi a partir desta angústia que nasceu o Projeto A Juventude quer Mais, iniciativa que será detalhada a seguir:

5 Como a ADESJOVEM discute a violência simbólica? As traduções desenvolvidas por meio do Projeto de Educação Empreendedora A Juventude Quer Mais!

Toda a comunidade escolar é afetada pela problema da violência simbólica. Para responder a este tema complexo é necessário reconhecer os atores que estão envolvidos no contexto. Assim os educadores sociais formados pelos professores, pedagogos, familiares e alunos precisam ser sensibilizados para enfrentar este dilema, esta dupla função da escola, que assume um papel de referência positiva para as juventudes, espaço de convivência e aprendizagem, mas também representa um universo de violências e reprodução de preconceitos. Uma das respostas da ADESJOVEM para este cenário escolar foi o desenvolvimento do projeto A Juventude Quer Mais.

A iniciativa surgiu a partir de uma inquietude de um dos membros da ADESJOVEM, Anselmo Rodrigues Loyola, morador do bairro Santana em Cariacica-ES. O produtor de audiovisual observou que a Escola Estadual Olímpio Cunha no bairro, estava desenvolvendo um projeto com os alunos na Disciplina de Artes, coordenado pelo Professor de Artes Visuais Evaldo Pereira. O objetivo da iniciativa era envolver os alunos na aula, por meio de atividades dinâmicas com oficinas de maquiagem, aprendizagem de técnicas de elaboração de roteiro, desenvolvimento de vídeos caseiros e fotos que refletissem o modo de pensar e agir do jovem, a respeito de algum problema enfrentado no bairro.

Mais do que aula, o que nos chamava a atenção no projeto era a oportunidade de demonstrar as nossas ideias por meio de fotografia e de vídeos (Participante 1)

O projeto chamou atenção de Anselmo, e despertou sobre a possibilidade de contribuir mais diretamente com a iniciativa, colocando a serviço da escola os seus conhecimentos na área de produção audiovisual. Diante dessa inquietude realizou-se uma reunião com a Direção da Escola e o Professor Evaldo para estudar a melhor forma de efetivar a parceria com a

ADESJOVEM. Na conversa o Professor Evaldo revelou um de seus objetivos: “sonho em transformar o engajamento dos alunos, e a experiência vivida por eles em um longa-metragem”. O desafio inicial era definir o roteiro para o filme, a decisão precisava ser realizada junto com os alunos de modo a representar os anseios e as expectativas vividas por aqueles jovens. Segundo relato, isto aconteceu naturalmente, a partir de discussões em sala de aula, o Professor Evaldo havia partilhado com seus alunos as dificuldades enfrentadas por ele para alcançar o sonho de ser professor. Isto provocou estes jovens a pensar nos desafios da vida profissional, e refletir sobre a necessidade de se capacitar para realizar os seus sonhos e enfrentar as críticas das outras pessoas, foi a partir dessas discussões que nasceu o roteiro do filme Valentim. Um dos jovens participantes do projeto explica este processo,

O filme Valentim conta a história de um jovem e as dificuldades para realizar o seu sonho, as cenas são gravadas na própria escola e procura valorizar os vários grupos de jovens que existem, buscamos refletir a realidade vivida pelos jovens que atuam como diretores e atores no filme (Participante 2).

Esta experiência vivida em Cariacica-ES motivou a replicação do projeto para o Centro Salesiano do Adolescente Trabalhador (CESAM) em Vitória-ES. A oportunidade de ampliar a experiência para esta instituição surgiu em uma roda de conversa realizada no Conselho Estadual da Juventude, que a ADESJOVEM é integrante. Nesta reunião foi validada a ideia de realizar o projeto no CESAM, visto que a instituição atende jovens da Grande Vitória, que é formado pelos municípios de Vitória, Cariacica, Serra, Vila Velha, Fundão, Guarapari, envolvendo em torno de 1000 jovens beneficiários.

Conforme informações da instituição, o Centro Salesiano do Adolescente Trabalhador (CESAM) é um modelo de instituição salesiana mantida pela Inspetoria São João Bosco (ISJB). “O objetivo do Cesam é contribuir para o fortalecimento do vínculo e da convivência familiar e comunitária de adolescentes e jovens em vulnerabilidade, com a oferta de qualificação socioprofissional e inserção no mercado de trabalho”. Atualmente essa unidade funciona nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Goiás e no Distrito Federal, atendendo a milhares de jovens e adolescentes com a oferta de ações de proteção social que viabilizam a promoção de seus direitos, a participação cidadã e o acesso ao mercado formal de trabalho.

O Dirigente da ADESJOVEM Sandayvit explica que para viabilizar a parceria com o CESAM-ES, algumas etapas precisaram ser trabalhadas, com o envolvimento de grupos específicos em cada fase:

1. Na primeira etapa reuniu-se a comunidade escolar para discutir e reconhecer o problema relacionado a violência simbólica.
2. Na segunda etapa os professores, pedagogos e alunos foram envolvidos de maneira mais direta por meio dos cursos de direitos humanos.
3. Na terceira etapa os alunos foram envolvidos nas oficinas de audiovisual.

4. Até que no Festival, A Juventude Quer Mais, busca-se que toda a comunidade escolar reconheça os avanços e projetos desenvolvidos pelos próprios jovens, tratando da temática.

Percebe-se que a metodologia utiliza estratégias lúdicas para envolver as juventudes, já que, por meio da produção de vídeos o aluno é provocado a pensar em seu projeto de vida, seus sonhos e objetivos. Segundo a Educadora Social Claudia Serafim a metodologia é caracterizada por três enfoques:

- 1 - Utilização de dinâmicas lúdicas para envolver os atores no projeto
- 2 - Reconhecimento do audiovisual como instrumento didático.
- 3 - Protagonismo e empreendedorismo são característica valorizadas em todo o processo. (Participante 3)

O intuito da iniciativa é que os atores participantes do projeto assumam o papel de disseminadores de uma cultura de paz no ambiente escolar, compreendido aqui como espaços de traduções e ambiguidades. Neste contexto, vários discursos se encontraram, resultando em experiências de conflito, entendidas neste estudo como oportunidade para ressignificação do espaço escolar. Mais do que a interpretação coerente diante destes conflitos, buscou-se abrir lugar para as histórias e os roteiros desenvolvidos na comunidade durante o processo educativo.

O legal de participar do filme, foi que nós aprendemos a trabalhar em grupo, a escrever uma história... aprendemos a filmar, e apesar de nossos conflitos, conseguimos colocar no papel e no filme, as nossas ideias, pois filmamos tudo na escola, a gente mesmo sendo os atores e diretores (Participante 4).

Pode-se compreender essa iniciativa dentro da discussão realizada por Elkjaer (2003) sobre aprendizagem social, o indivíduo no Projeto A Juventude Quer Mais foi considerado um sujeito que se desenvolve na interação com os outros. A estratégia de participação foi estimulada durante o processo, na medida em que o jovem precisou se dedicar a refletir sobre um problema vivido em sua história na escola, e a partir disso realizar decisões sobre fatos, aprendizagens e dificuldades a serem relatadas no roteiro do filme a ser escrito e filmado, na qual o próprio jovem é protagonista e roteirista.

6 Considerações Finais

Neste estudo buscou-se compreender a experiência da ADESJOVEM, por meio do estudo da iniciativa A Juventude Quer Mais. Neste percurso a busca por um modo adequado de dialogar com a comunidades escolar sobre violência simbólica envolveu mais do que um alinhamento de objetivos, mas o desenvolvimento de iniciativas com base no estudo das teias de relações que envolvem os associados e os beneficiários dos projetos realizados.

Essa ação priorizou o desenvolvimento dos sujeitos por meio da interação com os outros, compreendendo a teia de relações e realidades que envolvem o cotidiano das pessoas. Enfatiza-se que a aprendizagem vivenciada nestes espaços foi marcada pela prática e experiência, sendo proporcionado ao jovem a chance de refletir sobre a sua ideia, observando e buscando soluções para as dificuldades encontradas. A partir destas constatações, buscou-se sintetizar as práticas e estratégias experimentadas pela ADESJOVEM e as aprendizagens e dificuldades enfrentadas, por meio do quadro abaixo:

Quadro 1: Processo de Desenvolvimento das Juventudes promovida pela ADESJOVEM.

Ações de mobilização:	Traduções sobre a escola reveladas no percurso	Aprendizagens e Dificuldades encontradas
<p>Ações já realizadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reuniões com a comunidade escolar • Curso de Direitos Humanos • Curso de audiovisual com produção de vídeos sobre os dilemas, frustrações e sonhos vivenciados pelos jovens no cotidiano. <p>Ações a serem mobilizadas:</p> <p>-Realização do Cine: A juventude quer mais, na qual os jovens apresentarão os vídeos desenvolvidos durante as oficinas.</p>	<p>Dilema:</p> <p>A relação do jovem com o espaço escolar é marcado por dilemas e paradoxos.</p> <p>Se por um lado o jovem reconhece violências simbólicas durante sua trajetória escolar, a instituição assume-se como lugar de encontro, acolhida, socialização e vivências. A experiência de contar histórias por meio da produção audiovisual proporciona oportunidade para o jovem repensar o espaço escolar e reconhecê-lo como lugar de desenvolvimento, no qual as diferentes perspectivas e traduções colaboram para a formação de um olhar plural sobre a vida.</p>	<p>Aprendizagens:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A linguagem do cinema integrada a discussão de empreendedorismo social com as juventudes favorecem a compreensão dos discursos que reproduzem a violência simbólica. <p>Dificuldade:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Transformar a compreensão da violência simbólica em mudanças efetivas nas estruturas políticas e institucionais que a disseminam.

Fonte: Elaboração dos autores a partir da referência teórica e da análise de dados.

Como exposto no quadro acima e discutido durante o artigo, com a participação dos jovens nos projetos, estes sujeitos foram expostos a contextos que favoreceram a compreensão sobre os discursos que reproduzem a violência simbólica. Isto se tornou possível devido às dinâmicas realizadas nas atividades, que provocaram o jovem a refletir sobre a história dos direitos humanos e as situações que representam violação destes direitos. Neste processo, a linguagem do cinema e o audiovisual assumem-se como instrumentos de ressignificação do espaço escolar, reconhecendo as diversas traduções que ocorrem no percurso como oportunidade para repensar as estruturas políticas e institucionais que disseminam a violência simbólica. Assim, a desconstrução destes discursos enfrenta dificuldades, visto que, a transformação da compreensão da violência simbólica em mudanças efetivas nas estruturas exige alteração do modelo disciplinar abrindo-o a metodologia representada, neste caso, pelo Projeto A Juventude Quer Mais.

Destaca-se, ainda, que está previsto a realização do Cine: A juventude quer mais, na qual os jovens apresentarão os vídeos desenvolvidos durante as oficinas. Espera-se que este espaço configure-se como lugar de celebração e acolhida das diversas traduções e roteiros desenvolvidos pelos jovens por meio da produção audiovisual. Entende-se que a desconstrução de discursos e a ressignificação do espaço escolar são processos lentos e graduais, a experiência deste projeto desenvolvido pela ADESJOVEM, representa um passo singular neste processo, rascunho de uma nova perspectiva escolar, na qual os sonhos e projetos de vida dos jovens sejam a linha guia deste percurso de transformação.

7 Referencial Teórico

BOURDIEU, Pierre. “Sobre o poder simbólico” (cap. 1). “A força do direito. Elementos para uma sociologia do campo jurídico” (cap. 8). In: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

COOPER, R; BURRELL, B. Modernism, postmodernism and organizational analysis: An Introduction. **Organization Studies**, v.9, n.1, 1988.

DERRIDA, J. **O Olho da universidade**. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

ELKJAER, B. Social learning theory: learning as participation in social process. In: EASTERBY-SMITH, M., LYLES, M.A. (Ed.). **The Blackwell handbook of organizational learning and knowledge management**. Oxford: UK: Blackwell Publishing, p. 38-53, 2003.

FILION, L. F.; LAFERTÉ, S. **Carte routière pour un Québec entrepreneurial**. Montreal: HEC, 2003.

GROPPO, L. A. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

MAMEDE, M. I. de B.; MOREIRA, M. Z. Perfil de competências empreendedoras dos

Organizadores:



ANEGEPE
Associação Nacional de Estudos
em Empreendedorismo e Gestão
de Pequenas Empresas

Realizadores:



investidores portugueses e brasileiros: um estudo comparativo na rede hoteleira do Ceará. In: Enanpad: 2005. **Anais**. Brasília/DF.

MELO NETO, F. P.; FROES, C. **Empreendedorismo social: a transição para a sociedade sustentável**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

MERRIAM, S. B. **Qualitative research in practice**. Examples for discussion and analysis. San Francisco: Jossey-Bass, 2002.

MILLER, T.L; WESLEY, C.L; WILLIAMS; D.E. **Academy of Management Learning & Education**. Educating the Minds of Caring Hearts: Comparing the Views of practitioners and Educators on the Importance of Social Entrepreneurship Competencies. v. 11, n. 3, p. 349-370, 2012.

OLIVEIRA, E.M. Empreendedorismo social no Brasil: atual configuração, perspectivas e desafios – notas introdutórias. **Rev. FAE**, Curitiba, v.7, n.2, p.9-18, jul./dez. 2004.

SISCAR, M. **Jacques Derrida: literatura, política e tradução**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

Organizadores:



ANEGEPE
Associação Nacional de Estudos
em Empreendedorismo e Gestão
de Pequenas Empresas

Realizadores:

